

# MEMÓRIA HISTÓRICA: RECORDAÇÕES DO COTIDIANO DA PRIMEIRA DÉCADA DO SÉCULO XX

Maria Cristina Machado de Carvalho  
chrilcarvalho@hotmail.com

**Resumo:** O presente texto traz à tona as recordações das memórias de um tempo não vivido, mas transmitido da primeira à segunda e terceira gerações daqueles que viveram um tempo de liberdade, da primeira década do século XX. Sendo o espaço geográfico deste a cidade de São Gonçalo dos Campos, encravada no Recôncavo baiano, com terras planas e arenosas favoráveis ao cultivo do fumo, gênero de grande importância para o comércio agroexportador (NARDI, 1994; BARICKMAN, 2003), bem como dos diversos gêneros de subsistência, como mandioca, milho, feijão e da criação de gado (TEIXEIRA & ANDRADA, 1984: 43). Sendo, as memórias partilhadas pelos sujeitos sociais, desse território, dizem sobre família(s), grupo(s), sujeitos, das relações de trabalho, da vida, do cotidiano nas fazendas fumageiras, abrolhadas nas linhas deste estudo.

**Palavras-chave:** Memória histórica. século XX. Liberdade

**Abstract:** This text brings up memories of memories of a time not lived, but transmitted from first to second and third generations of those who lived through a time of freedom, the first decade of the twentieth century. And the geographical area of this city of São Gonçalo dos Campos, stuck in the Bahian Reconcavo, with flat and sandy soils favorable to the cultivation of tobacco, an important genre for the agro-export trade (NARDI, 1994; Barickman, 2003), as well as various genres of subsistence, such as cassava, maize, beans and livestock (TEIXEIRA & ANDRADA 1984: 43). Being, the memories shared by social subjects, that territory, say about family (s), group (s), subject, of labor relations, life, everyday in the tobacco farms, abrolhadas the lines of this study.

**Keywords:** Historical memory. Twentieth century. Freedom

## INTRODUÇÃO

A atribuição da memória a famílias, aos indivíduos, aos grupos estar vinculada a tentativa de manter a história desses sujeitos, em que de acordo com Le Goff (1996) se deve a invenção dos calendários, da escrita, da arte da memória, da imprensa, da fotografia, etc.. Contudo, na tradição dos povos africanos os feitos familiares, dos sujeitos e dos grupos eram recontados entre as gerações, o que reforçava o sentimento de pertença próprio para aqueles que partilhavam a memória dos ancestrais (KI-ZERBO, 2010).

As memórias históricas orais, ou seja, as tradições orais são testemunhos, herança de um conhecimento do passado. São experiências de vida transmitidas de boca a ouvido, ao longo dos tempos. Dizendo de outra maneira, a memória dos sujeitos se constituem de fontes gestadas na memória social, cheia de significados, sendo, portanto, guardada, rememorada e transmitida através da oralidade.

Neste sentido, para contextualizar a primeira década do século XX utiliza-se da História Oral, método pelo qual se investiga aos informantes a respeito das recordações das histórias contadas por seus pais e avós da tradição familiar, das experiências, do trabalho na roça e das lembranças e histórias sobre a escravidão. Sendo assim, nos depoimentos aventurei-me captar as práticas que lembravam os antepassados, os significados de liberdade, às aspirações, a reelaboração do vivido e os seus projetos de vida.

Deste modo, para captar alguns aspectos dos itinerários dos ex-escravos e de seus descendentes recebi valiosas contribuições de antigos moradores das fazendas fumageiras de São Gonçalo dos Campos. Os informantes como Djanira Pinheiro de Queiroz nascida em 1912, na fazenda Dendê, filha de Teodora Francisca Gomes e João Pinheiro de Queiroz. Dona Diva Ramos da Silva, nascida em 1923, neta de Tibúrcio Barreiros, uns dos importantes fazendeiros de São Gonçalo dos Campos, e bisneta da escrava Maximiliana. Esses depoimentos são fundamentais para o presente estudo não só porque os informantes ouviram os pais contarem suas experiências, mas por suas memórias estarem vinculadas às “vivências nas Fazendas”, ao “tempo dos avós ou pais” e ao “tempo dos escravos”. Outros depoimentos serão apresentados ao longo deste trabalho, os quais vão

dando evidências as experiências de descendentes de escravos na primeira década do século XX.

A partir dos fragmentos das memórias familiares foi possível montar um quebra-cabeça referente a construção, preservação e ampliação dos laços de solidariedade e redes familiares na pós-abolição, percebendo que, como peças indissociáveis, o cotidiano da fazenda escravocrata, em parte, conservar-se após o fim do cativeiro. As trajetórias percorridas por ex-escravos e o diálogo com as memórias elaboradas por seus descendentes coloca em evidências diversas questões prementes na vida dos libertos em 13 de maio de 1888.

### **A vida cotidiana**

A partir do conjunto das lembranças e fragmentos, é possível perceber, grosso modo, alguns aspectos materiais que caracterizam as fazendas fumageiras no início do século XX. Por exemplo, as instalações, dependências que faziam delas um conjunto complexo e autossuficiente, não distante do contexto relatado no primeiro capítulo a respeito dos anos de 1850 a 1890. As construções imponentes, em referência a esse tempo, as propriedades exibem a “casa grande”, residência da família possuidora, como bem lembrou Djanira, um conjunto com a construção de adobe dobrado<sup>1</sup>, paredes largas, telhado forrado com madeira de amargoso e cedro, portas e janelas grandes e largas e o chão de tijolo, com enormes salas e muitos quartos. Os informantes recordam que a construção da casa grande diferenciava das moradias dos rendeiros que era de pau-a-pique, pequenas, cobertas de telhas de chão sem tijolo, em geral, próximas as estradas e cercadas por roçados e algumas árvores frutíferas (*Djanira Pinheiro de Queiroz, concedida em 21 de março de 2011. Expedito Pinheiro de Carvalho, concedida em 25 de março de 2011. Teófilo Cazumbá, concedida em 23 de março de 2011*).

No interior da casa de morada, fazenda Dendê, possuía uma capela familiar, com o oratório repleto de imagens de santos: Santo Antônio, Nossa Senhora da Conceição, Nossa Senhora do Amparo, Senhor do Bonfim, Nossa Senhora das Candeias (*Djanira Pinheiro de Queiroz, concedida em 21 de março de 2011*).

---

<sup>1</sup> A parede de adobe dobrado era construção com dois adobes na parede. De acordo aos informantes eram duas paredes em uma.

Afirma Boaventura que “mais rigor teria de haver para a Capela particular, para o oratório apto para a missa, para os ofícios religiosos presididos pelo Padre. Para os casamentos da família, para os batizados da casa” (BAOVENTURA, 1989, 270).

Dona Diva residente na fazenda Paixão revelou que os casamentos e batizados se realizavam na propriedade fundiária. O padre era convidado para celebrar as cerimônias naquele local (*Diva Ramos da Silva, concedida em 7 de outubro de 2012*). Pela documentação eclesiástica, no período houve muitos casamentos e batismos, contudo, os registros não fazem menção a cerimônias nas fazendas.

Vistas em conjunto, na propriedade encontrava-se, junto a casa grande, as instalações do fabrico de farinha e um galpão onde se armazenava o fumo, bem como, nas imediações os campos cultivados de fumo, mandioca, além dos pastos para a criação de gado vacum. Por sua vez, a posição central e o aspecto da casa da família do proprietário, em contraste com as casas dos rendeiros, e a extensão das plantações agrícolas confrontada aos roçados diminutos estabeleciam como estava distribuído o poder social no início do século XX.

Contou Djanira que nas fazendas da região: Paixão, Pedrinhas, Moreira, Dendê, existiam muitas famílias de cor que residiam naquelas terras vivendo da renda e do trabalho de aluguel. Como já foi abordado anteriormente, era costume em São Gonçalo encontrar nas fazendas fumageiras rendeiros dedicados ao trabalho na roça. Os documentos cartoriais, lavrados em 1881 não destaca o tempo de permanência dos rendeiros na propriedade. De acordo com a tradição oral, os ascendentes de muitos rendeiros foram escravos do serviço da lavoura, e depois da abolição continuaram desempenhando o trabalho da roça.

Sobre este aspecto, as memórias de Djanira, pertencente à segunda geração dos proprietários de fazendas, e ao mesmo tempo dos rendeiros cuja infância se passou na fazenda Dendê, testemunhando as experiências de sua mãe como rendeira e escutando atentamente as narrativas sobre o tempo da escravidão e sua história como filha de ex-escrava contou que,

“mamãe morava em Bonfim de Feira, era filha de escrava, ela contava que fugiu de Bonfim de Feira, ainda novinha, chegou aqui novinha, sozinha, não tinha parente nenhum aqui na fazenda de meu pai, ela veio sozinha, novinha tinha os 12 a 15 anos nessa faixa aí.

(...) ai essa foi Teodora era preta, pretona, (...) ela falava ai que a mãe dela foi pega de dente de cachorro” (QUEIROZ, concedida em 21 de março de 2011).

A história lembrada por D. Djanira é elucidativa do cotidiano de trabalho vivenciado por sua mãe Teodora. Teria, esta, nascido em Senhor do Bonfim, comarca de Feira de Sant’ Anna, lá teria vivenciado a experiência na lavoura como filha de escrava, de onde teria fugido, várias vezes, sendo pega a “dente de cachorro”, mas que conseguiu fugir depois de muitas tentativas. Chegando, já no início do século XX, na fazenda fumageira pertencente a João Pinheiro, de quem se tornaria rendeira e, depois, no período de sua viuvez, amásia.

No tocante a Teodora, pode ser que tenha nascido no período da Lei Ventre Livre e que depois do 13 de maio continuou sendo tratada como escrava. Neste sentido sua fuga depois da abolição, como bem advertiu Fraga referente as migrações dos ex-escravos no Recôncavo açucareiro (FRAGA, 2006), vislumbrava a liberdade. Exedito terceira geração, também guarda a memória de genealogia escrava. Lembrou das histórias contadas por sua mãe que dizia ser neta de escrava (CARVALHO E., [concedida em 25 de março de 2011]; CARVALHO C., [concedida 25 de março de 2011]).

As memórias que se reportam ao “tempo dos avós ou pais” se prendem aos questionamentos de interesse desse capítulo. Todavia, entendo que a memória é fluída, sendo as temporalidades das lembranças dos assuntos que lhes contaram os pais e avós ligadas aos tempos vividos pelos informantes (THOMPSON, 1992; RICOEUR, 2010; POLLAK, 1989; POLLAK, 1992; BOBBIO, 1997; BOSI, 1987). Assim, para além de compreender a incidência de arrendamentos de terra em São Gonçalo dos Campos, é preciso pensar como se desenvolveu este processo e a relação cotidiana desses sujeitos.

Os estudos sobre a economia fumageira para a primeira metade século XX, bem como aconteceu no século XIX, demonstram a predominância de rendeiros nas fazendas da cidade (SILVA, 2001). Também os dados lançados pelo Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio, na década de 1920, divulgaram que a maior parte dos plantadores de fumo era composta de lavradores sem recursos

(*MINISTÉRIO DA AGRICULTURA, INDÚSTRIA E COMÉRCIO, ASPECTOS DA ECONOMIA RURAL BRASILEIRA*, 1922, p. 430-31).

Os rendeiros habitavam em casas simples, plantando nos fundos das casas e trabalhando nas lavouras dos proprietários das terras em que habitavam e tinham suas roças. Para manter a exploração dos libertos e rendeiros os fazendeiros fizeram acordos, tornando aqueles trabalhadores mão-de-obra disponível ao cultivo de fumo e mandioca. Assim, os ex-escravos prestavam serviços nas terras de seus antigos senhores, em troca receberiam concessões e favores, como por exemplo, utilizar pequenos lotes de terras para fazerem seus roçados.

Outros informantes afirmaram que mesmo dispendo de grandes quantidades de terras desprovidas de produção agrícola, os proprietários só disponibilizavam pequenas extensões de terras para que os rendeiros produzissem suas roças de fumo, mandioca, feijão e milho. Também limpavam os campos, cuidavam dos animais, acrescentando ainda, o trabalho nas roças do proprietário. Nota-se, portanto, que na sociedade sangonçalense como em todos locais que incidiu o sistema escravista, os ex-escravos usavam a terra vislumbrando a nova condição de livre.

Os afazeres da roça exigiam longas horas de serviço e uma boa quantidade de pessoas. Tarefa, geralmente, assumida pelo lavrador, sua esposa e seus filhos. De maneira geral, o trabalho começava com a organização da terra para o cultivo, o que correspondia à capina, ao preparo das covas, à adubação, o cuidado e a colheita. Parte do que era produzindo podia ser vendida, outra parte colocava para secar para dá aos porcos e as galinhas.

## **CONSIDERAÇÕES**

A partir do conjunto de entrevistados, foi possível perceber, grosso modo, que o espaço do trabalho na roça frequentemente propiciava o estabelecimento de relações sociais diversas entre o grupo analisado. As práticas cotidianas rememoradas pelos informantes, demonstram que o espaço onde se praticava o trabalho na roça era símbolo de liberdade mesmo que em meio às dificuldades enfrentadas no trabalho duro. O clima de descontração, na associação entre trabalho e nas formas de ajuda mútua vigentes na região, realizava-se em combinação com a bebida, a música, e a comida.

## REFERÊNCIAS

BARICKMAN, B.J. **Um Contraponto Baiano: açúcar, fumo, mandioca e escravidão no Recôncavo, 1780 – 1860.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

BOAVENTURA, Eurico Alves. **Fidalgos e vaqueiros.** Salvador: Centro Editorial e Didático da UFBA, 1989.

BOBBIO, Norberto. **O tempo da memória: De senectute e outros escritos autobiográficos.** Rio de Janeiro: Campus, 1997.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade, lembranças de velhos.** São Paulo: T. A. Queiroz, 1987.

FRAGA FILHO, Walter. **Encruzilhadas da Liberdade: histórias de escravos e libertos na Bahia (1870-1910).** Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2006.

**HISTÓRIA geral da África, I: Metodologia e pré-história da África / editado por Joseph Ki - Zerbo. – 2.ed. rev. – Brasília: UNESCO, 2010.**

Le Goff, J. **História e memória.** Campinas, SP: Campinas, 1996.

NARDI, Jean Baptiste. **O fumo brasileiro no período colonial.** São Paulo: Brasiliense, 1996.

POLLAK, Michael. Memória e identidade Social. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 5, n.10, p. 200-212, 1992.

POLLAK, Michael. *Memória, esquecimento, silêncio.* In: **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro: CPDOC/ Fundação Getúlio Vargas, v. 2, n 3, 1989.

RICOEUR, Paul. **Tempo e Narrativa.** Campinas/SP: Martins Fontes, 2010.

SILVA, Narciso Amâncio. **Decadência Fumageira: São Gonçalo dos Campos. 1951- 1976. Monografia** (Especialização em ??). Feira de Santana: UEFS, 2001.

TEIXEIRA, Marli Geralda, ANDRADA, Maria José (org.). **Memória Histórica de São Gonçalo dos Campos.** Ed. Comemorativa do 1º centenário do município, 1984.

THOMPSON, E. P. **Costumes em Comum: estudos sobre a cultura popular tradicional.** São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.